

PENSAMENTO MÉDICO E HISTÓRIA:

Um breve ensaio

RENATA PALANDRI SIGOLO¹

RESUMO

O artigo discute o processo de construção das representações médicas enquanto saber cientificamente elaborado. Nesse sentido, a partir das reflexões de Ernest Cassirer e Michel Foucault, o autor toma como objeto de análise a construção da medicina homeopática em meio às correntes médicas do séc. XIX.

Palavras Chave: saber científico; saber médico; medicina homeopática.

Introdução

Pensar a medicina homeopática enquanto objeto de investigação histórica; analisar como, num dado momento, a filosofia homeopática foi compreendida, disseminada e exercida e como suscitou a construção de representações no meio médico requer, necessariamente, a compreensão do pensamento médico enquanto saber cientificamente elaborado. O estudo de representações sociais pressupõe uma análise profunda não só do contexto em que são criadas, como também da formação do mesmo, uma vez que as representações são construídas através de uma realidade pré existente.

Ernest Cassirer, em sua abordagem sobre a história², considera o universo de investigação do historiador como um universo simbólico, um

¹ A autora é Mestre em História e doutoranda em História na Universidade Federal do Paraná.

“mundo de símbolos”. Este conteúdo simbólico deve ser apreendido e interpretado segundo o contexto em que é produzido, de acordo com as matrizes culturais que lhe dão origem e sustentação. Tomando o discurso enquanto veículo de formas simbólicas, é necessário proceder uma familiarização com o pensamento que lhe deu origem.

O discurso, segundo Foucault³, possui o mesmo poder das leis. A produção do discurso depende de alguns procedimentos que visam o controle de algumas falas e a legitimação de outras; processos que se realizam, por vezes, através de instituições, de acordo com as contingências históricas. O autor de “A ordem do discurso” afirma, ainda, que a distinção entre um discurso “verdadeiro” de outro “falso” não é arbitrário, institucional ou violenta; é historicamente constituída através do estabelecimento de uma “vontade de verdade” que, por sua vez, depende de uma “vontade de saber”. A vontade de verdade está baseada num suporte e numa distribuição institucionais, e exerce sobre os demais discursos o poder de coação.

A separação histórica entre “verdadeiro” e “falso” foi responsável pela formação da vontade de saber, que se desloca frequentemente. Foucault afirma que as grandes mudanças na ciência podem ser vistas, às vezes, como conseqüências de um descobrimento e outras, como a aparição de novas formas de vontade de verdade⁴. Estas transformações são perceptíveis quando vislumbramos as “vontades de verdade” que caracterizam diversos períodos na ciência: no séculos XVI e XVII, por exemplo, a vontade de saber debruçava-se sobre objetos observáveis, mensuráveis, classificáveis; já a partir do final do século XVIII, para que uma proposição fosse “botânica”, por exemplo, era necessário que analisasse a estrutura visível da planta, fizesse analogias e investigasse a mecânica de seus fluídos.

A disciplina é um princípio de controle do discurso e, para que ela exista, é preciso que haja a possibilidade de formular e reformular novas proposições. Para que uma proposição pertença a uma disciplina, deve estar inscrita num certo tipo de horizonte teórico, delineado segundo sua historicidade.

Uma disciplina, no entanto, não é a soma de tudo o que pode dizer de certo sobre algo, nem tudo o que se pode dizer sobre um mesmo

² CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem**; introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo : Martins Fontes, 1994. p. 279-335.

³ FOUCAULT, Michel. **El orden del discurso**. Barcelona : Tusquets Editores, 1980.

⁴ Ibid., p. 17.

tema. Tomando como exemplo a medicina, Foucault afirma que esta ciência “não está constituída pelo total de quanto se pode dizer de certo sobre as enfermidades”⁵ pois, como qualquer outra disciplina, está construída “tanto sobre erros como sobre verdades, erros que não são resíduos ou corpos estranhos, mas que exercem funções positivas e têm uma eficácia histórica e um papel frequentemente inseparável das verdades”⁶.

Levando em conta as vontades de verdade constantes nos séculos XVII e XIX, o presente texto se propõe analisar os princípios norteadores da ciência destes períodos, buscando compreender a formação do pensamento médico “científico”. Tal análise será imprescindível para alcançar uma outra etapa: a análise do pensamento médico homeopata, cujo delineamento tem profunda relação com a medicina oficial, forjada principalmente durante as duas “Revoluções Científicas” ocorridas nos períodos citados.

Pensamento médico científico: uma vontade de verdade

Um pequeno helicóptero se aproxima, e o vento gerado por suas hélices folheia as páginas de um livro. Página por página, vemos passar diante de nossos olhos cenas da “história da medicina”: as formas de cura no antigo Egito, a descoberta do microscópio e dos raios X, a disseminação da prática da vacinação e, finalmente, a introdução da informática, principalmente nos diagnósticos médicos. A música incidental desta propaganda de planos de saúde ressalta a importância dos fatos que, um a um, vão “saltando” das páginas do livro. Estes eventos sublinham, principalmente, os progressos tecnológicos obtidos pela medicina, que asseguram a esta ciência um caminho “evolutivo” de desenvolvimento.

O modo como a medicina contemporânea vê a si própria historicamente revela algumas características próprias de sua construção enquanto saber científico. Ilustrativa é a imagem que nos propõe Madel Luz, ao comentar como essa história é construída e vislumbrada pelas ciências, notadamente pela medicina:

Como o velho, que não sendo mais criança, é ainda a lembrança do menino que traz em si, a racionalidade científica moderna se vê como história da maturidade e olha, enternecida, a sua origem. Acompanha, às vezes com nostalgia, os combates que conduziu no seu processo de

⁵ Ibid, p. 28.

⁶ Ibid.

avanço, e as estratégias de sobrevivência que desenvolveu, com sucesso crescente, aliás.⁷

O pensamento evolucionista, que pressupõe o progresso e a melhoria da ciência médica à medida em que ela avança no tempo, possui dois contextos marcantes, e que merecem ser melhor detalhados para obtermos uma compreensão mais clara da formação do pensamento médico. Estes momentos se revelam nas duas “Revoluções Científicas” ocorridas no século XVII e XIX, responsáveis por transformações sofridas tanto pelas ciências denominadas posteriormente de exatas quanto pelas humanidades.

O século XVII, em especial, caracteriza-se pela dessacralização do conhecimento, com a predominância do pensamento matemático no universo intelectual. Neste contexto, a obra de Descartes revela-se notavelmente importante por ter lançado as bases do método científico que se consolidou no século XIX. Participando de uma comunidade intelectual que, longe das universidades onde predominava o ensino da escolástica, fazia uma ciência “não oficial”, Descartes foi um dos pensadores responsáveis pela revolução que a ciência atravessou no século XVII; revolução esta que proporcionou a distinção das ciências em disciplinas.

A Natureza dotada de racionalidade foi um dos pontos de partida para a racionalização dos objetos de estudo das ciências, proporcionando a elaboração da teoria anteriormente ao fato. Luz⁸ explora os sentidos dados ao conceito de Natureza. Ela afirma que o termo Natureza é utilizado como alteridade frente ao ser humano a partir do Renascimento. A Natureza, vista como algo objetivo e independente do homem, cria condições para que seja explorada e moldada tendo como princípio a razão.

A razão que norteia o pensamento científico do século XVII caracteriza a dessacralização do pensamento e da vida humana, que possui sua tradução na dissecação de cadáveres⁹, onde o corpo humano irá pertencer não mais ao reino do sagrado, mas à medicina racionalizada. Esta razão, como já foi afirmado, deriva de um pensamento norteador de

⁷ LUZ, Madel T. **Natural, racional, social**. Razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro : Campus, 1988. p. 52.

⁸Idem, p.19/20.

⁹A dessacralização do corpo pela medicina é amplamente abordada por Michel Foucault em **O nascimento da clínica**, em especial no capítulo VIII.

Descartes, que preconizava a unidade das ciências, obtida tendo por princípio o pensamento matemático. Em seu *Discours de la Méthode*, Descartes elabora quatro preceitos que definem o método matemático do qual derivariam todos os métodos científicos.

O primeiro deles consistia em “jamais aceitar alguma coisa como verdadeira que não soubesse ser evidentemente como tal”¹⁰, isto é, só aceitar como verdadeiro o que fosse claro, evidente. O segundo estabelece uma sistemática de análise similar à análise química, ao decompor o objeto da investigação em várias partes, a fim de facilitar o processo. O terceiro preceito estabelecia o princípio da dedução, isto é, partir da análise do mais simples para o mais complexo, supondo uma ordem mesmo onde não houvesse¹¹. Finalmente, o quarto preceito visava “fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais que eu tivesse a certeza de nada ter omitido”¹², procurando não deixar que se procedam intervenções da memória, que é a fonte de erros.

O método científico forjado por Descartes parte do pressuposto que, se o indivíduo pode questionar, ou seja, pensar sobre as coisas que o rodeiam, há uma coisa da qual ele não pode duvidar: sua própria existência. “Penso, logo existo” é o primeiro princípio da filosofia cartesiana, e, a partir dele, Descartes propõe a separação entre pensamento e corpo, sendo que é a partir do pensamento que se pode conhecer o corpo. É esta a distinção que é feita entre corpo e alma, já que o primeiro é a matéria e o segundo, o pensamento.

O corpo humano, por sua vez, não se diferenciava da matéria, da “extensão geométrica”¹³, o que permitia que ele pudesse ser estudado e analisado do mesmo modo que os corpos da Física. Isto é exemplificado no *Discours* quando Descartes descreve a anatomia de um animal dissecado, tomando este como análogo ao organismo humano. É observando o sistema circulatório que se encontra uma explicação geral para todas as funções do organismo humano. O movimento cardíaco e a movimentação do sangue no corpo e os fenômenos fisiológicos que daí advém podem ser explicados a partir da física e da matemática, segundo o mecanismo cartesiano. Tendo este mesmo princípio, considera o corpo humano, criado por Deus, como uma máquina, possível de ser estudada cientificamente, considerando as leis da física:

¹⁰DESCARTES, René. **Discurso do Método**, Brasília : UNB, 1985. p.44.

¹¹Idem

¹²Ibd.

¹³Ibid., p.66.

Isso não se afigurará de modo algum estranho a quem, sabendo quão diversos autômatos, ou máquinas móveis, a indústria dos homens pode produzir (...) considerar esse corpo como uma máquina que, tendo sido construída pelas mãos de Deus, é incomparavelmente mais bem ordenada e contém movimentos mais admiráveis do que qualquer das que possam ser inventadas pelos homens.¹⁴

Observar o corpo humano através de um método não era algo fortuito. O organismo não era um objeto escolhido por acaso: para Descartes, a ciência deveria ser útil* e servir ao bem-estar dos homens. Como afirma Foucault¹⁵, a vontade de verdade que imperava nos séculos XVI e XVIII privilegiava a verificação e a utilidade como adjetivos necessários ao conhecimento. Deste modo, para Descartes a Medicina toma grande importância; ela é um dos “ramos” da “árvore” a qual compara a Física, sendo os dois restantes a Mecânica e a Moral. O primeiro benefício que a humanidade poderia desejar de uma ciência, sem dúvida, seria a conservação da própria vida:

Tal é de se desejar tanto para a invenção de uma infinidade de artifícios, que permitiriam gozar, sem qualquer custo, os frutos da terra e todas as comodidades que nela se encontram, como também e principalmente para a conservação da saúde, que é, sem dúvida, o primeiro bem e o fundamento de todos os outros bens desta vida. Pois, até o espírito depende tanto do equilíbrio e da disposição dos órgãos do corpo que se é possível encontrar algum meio que geralmente torne os homens mais avisados e mais hábeis do que foram até aqui, creio que é na Medicina que se deve procurá-lo.¹⁶

Através da analogia entre a Física e a árvore, pode-se perceber claramente a ligação entre a primeira e a Medicina. Ora, sendo a Medicina objeto de investigação regido pelas leis da Física, a ela se aplicaria com toda a propriedade o método cartesiano de conhecimento: evidência, análise, dedução, revisão. A ela também se aplicaria um outro princípio considerado por Descartes: o conhecimento é cumulativo e evolutivo, isto é, de uma descoberta simples adviriam outras mais

¹⁴Ibid., 74-75.

* Descartes contrapunha-se à filosofia especulativa, buscando uma filosofia prática que possibilitasse aos homens ser “senhores e possuidores da natureza” (Op. Cit., p. 79.).

¹⁵FOUCAULT, Michel. El orden ... p. 17.

¹⁶DESCARTES, René, p.79-80.

complexas. Este princípio, considerado de uma maneira geral à ciência, é aplicado claramente à Medicina pelo pensamento cartesiano:

É verdade que a Medicina ora praticada contém poucas coisas cujo benefício seja tão notável; mas, sem que alimente nenhum intuito de desprezá-la, estou certo de que não há ninguém, mesmo entre os que a professam, que não admita que *tudo quanto nela se sabe é quase nada, em comparação com o que resta por saber**; e que poderíamos livrar-nos de uma infinidade de moléstias, quer do espírito, quer do corpo, e talvez mesmo do definhamento da velhice, se tivéssemos conhecimento bastante de suas causas e de todos os remédios que a natureza nos forneceu.¹⁷

Este caminho que evolui progressivamente rumo ao aperfeiçoamento é, em certo sentido, um sentimento nutrido pela Medicina enquanto conhecimento sistemático, pois é assim que ela olha seu passado, ou sua história, e vislumbra seu futuro enquanto ciência.

É enquanto conhecimento científico que Descartes propõe o estudo da Medicina e a divulgação de suas descobertas neste campo, incentivando que os “bons espíritos”¹⁸ se esforçassem por continuar a evolução progressiva do conhecimento, “a fim de que os últimos começassem por onde os precedentes houvessem terminado, e assim, reunindo as vidas e os trabalhos de muitos, fôssemos todos juntos muito mais longe do que poderia ir cada um isoladamente.”¹⁹

O corpo humano, enquanto objeto de investigação da ciência médica, encontrava-se sob o olhar criterioso do método cartesiano. O princípio analítico, que desmembrava o objeto em diversas partes para melhor estudá-lo, também alcançava o ser humano, fragmentado em diversos órgãos que, por sua vez, tinham seu funcionamento independente do pensamento, ou da “alma”. Corpo mecânico que, enquanto tal, obedecia as leis matemáticas notadamente universalizantes e gerais. Essa concepção mecânica de corpo deriva da mesma concepção atribuída ao Cosmo, e já existente em Galileu.

A respeito da cosmovisão mecanicista predominante no XVII, XVIII e parte do XIX, Luz²⁰ aponta a existência de uma série de

* Grifos meus.

¹⁷Ibid., p. 80.

¹⁸Ibid.

¹⁹Ibid.

²⁰LUZ, Madel, p. 33.

representações, que permeavam o imaginário destes períodos. A máquina estava presente no imaginário europeu a partir do século XII, com o desenvolvimento de uma tecnologia voltada para a produção de artefatos mecânicos. A mesma autora ressalta a importância do imaginário para a elaboração das teorias e dos conceitos científicos, revelando que a própria razão foi concebida mecanicamente: obedecendo mecanismos de pensamento, estabelecendo combinações de conceitos, seguindo métodos, como exploramos anteriormente ao abordar o método cartesiano.

Este modelo, que toma a Natureza enquanto autômato, alcança o século XIX, período em que o pensamento cartesiano “se elevou, gradativamente, ao status de fonte primordial do pensamento moderno”, como afirma Jean-François Revel ²¹. Deste modo, é no século XIX que a racionalização científica torna-se realmente triunfante, não só através da organização de disciplinas, da elaboração de teorias e conceitos e da construção de tecnologias como também pela criação de instituições e organizações de práticas sociais que se esboçaram no século XVIII²².

O pensamento mecanicista na medicina lança seu olhar ao microscópio ou ao leito dos hospitais, a fim de buscar uma explicação para a doença. A objetivação do corpo se estende à doença, a medida que esta é objetivada nas patologias ou nas entidades mórbidas. O corpo, como sede das doenças e a doença como algo objetivado, reificado denotam as bases nas quais a ciência médica se firmou: a anatomia e a patologia; a primeira, preocupada em esquadrihar e analisar o corpo e a segunda, em classificar as doenças.

Considerando este quadro, a cirurgia se consolida, em fins do século XVIII e início do XIX ²³, como técnica médica cuja tônica principal se revela na própria objetivação do corpo. Permite a observação da doença no corpo enfermo, reafirmando as etapas do método na ciência médica: a observação, a descrição e a classificação das patologias no corpo humano.

Foucault²⁴ afirma que o olhar, no final do século XVIII, é responsável por organizar uma linguagem racional sobre o seu objeto de atenção, criando a possibilidade de uma experiência clínica. Através da

²¹DESCARTES, René, p. 100.

²²LUZ, Madel, p. 58.

²³LUZ, Madel, p. 88.

²⁴FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**, 4 ed. Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1994. p. XIII.

anatomia patológica, emergente no século XIX, pode-se localizar, com o olhar, a enfermidade no organismo. Sobre este período, Foucault afirma:

Época que marca a soberania do olhar, visto que no mesmo campo perceptivo, seguindo as mesmas continuidades ou as mesmas falhas, a experiência lê, de uma só vez, as lesões visíveis do organismo e a coerência das formas patológicas; o mal se articula exatamente com o corpo e sua distribuição lógica se faz, desde o começo, por massas anatômicas. O “golpe de vista” precisa apenas exercer sobre a verdade, que ele descobre no lugar onde ela se encontra, um poder que, de pleno direito, ele detém.²⁵

Assim, o conhecimento das doenças será o saber norteador da prática médica, conhecimento possível através da sua distinção, localização e classificação. Para tanto, o olhar do médico dirige-se para onde a doença está, abstraindo o ser doente. Enquanto “campo” de alojamento e desenvolvimento da doença, o doente tem sua importância limitada não em sua individualidade, mas enquanto organismo enfermo.

O nascimento da clínica médica, em fins do XVIII e início do XIX, estabelece também uma definição do homem não doente, isto é, do homem saudável que se traduz no homem modelo, estabelecendo uma postura de normalidade. Esta normatização extrapola o campo do biológico, estabelecendo posturas de conduta moral dos indivíduos.

Diferentemente da clínica, o século XIX verá emergir a Medicina Social, que estabelecerá práticas coletivas de saúde. Luz afirma que esta medicina produz “um discurso *natural* sobre uma *realidade social*: o corpo do homem, seu sofrimento, sua morte, através da *doença*”²⁶.

Dentro da área da Medicina Social, predominavam as concepções moralizadoras, que visavam a “civilização” dos indivíduos dentro dos preceitos médicos, isto é, normalizar o homem e o meio em que vive (inclusive suas instituições), a fim de adequá-lo culturalmente às regras sanitárias da medicina e a um modelo de “indivíduo saudável” estabelecido por estas regras.

Madel Luz afirma que a medicina do século XIX tinha como tônica analisar os desvios do normal que estabeleciam o estado patológico, tendo como base o pensamento de Claude Bernard. Bernard buscava compreender a escala que se situava entre o normal e o patológico, a fim de estabelecer uma ação racional sobre o patológico.

²⁵Idem, p.2.

²⁶LUZ, Madel, p.94.

Paralelamente, o pensamento médico sofria influência das idéias evolucionistas, em especial da teoria Darwiniana, presentes na primeira metade do século XIX, referendando o modelo evolutivo médico que apontava para uma idéia de progresso.

Considerando as características da ciência médica nos séculos XVII e XIX, podemos analisar o surgimento de um novo pensamento que iria desafiar a hegemonia da medicina racional: a homeopatia, nascida em meio às teorias vitalistas do século XIX.

Homeopatia: uma nova vontade de verdade na medicina ?

Lançar o olhar sobre a medicina homeopática significa, necessariamente, buscá-la em meio às correntes médicas do século XIX, e da racionalidade científica que se forjou até então. No mesmo contexto em que a medicina racionalista se desenvolvia, surgiam teorias vitalistas, como o mesmerismo, o animismo e o espontaneísmo.

O vitalismo homeopático, conceituado pelo médico alemão Samuel Hahnemann, começou a ser forjado quando Hahnemann manifestou seu descontentamento perante a medicina praticada por seus contemporâneos, repleta de teorias que, na prática, não obtinham a cura definitiva pretendida por ele. Além disso, causava-lhe espanto os efeitos colaterais advindos de medicamentos tóxicos muito utilizados então, como o arsênico e o mercúrio.

Em 1790, ao analisar as propriedades da quina, ficou interessado pelo uso da substância, observando que o abuso da mesma acarretava sintomas semelhantes aos quais combatia. Fazendo uma série de experiências em si mesmo, constatou que a quina produzia a mesma febre que pretendia aniquilar, assim como outros sintomas provenientes do estado febril.

A experiência com a quina fizera Hahnemann perceber empiricamente o princípio da similitude, ou seja, a cura da enfermidade através de medicamentos que produziam, no indivíduo saudável, os mesmos sintomas que o organismo doente manifesta. Outras experiências se seguiram, desta vez com substâncias tóxicas, como o mercúrio e o arsênico, que exigiram a diluição e a sucussão das mesmas. Desta maneira, o criador da medicina homeopática descobriu que as substâncias perdiam seu efeito tóxico, mas continuavam capazes de provocar os sintomas das doenças as quais pretendiam curar. Estava elaborado, então,

o princípio da dinamização dos medicamentos, utilizado por Hahnemann desde 1801.

A teoria de Hahnemann não tinha como proposta explicar as doenças e suas causas: ela surge como um sistema experimental da arte de curar doentes. Já em seu princípio, a homeopatia aparece como uma teoria discordante da medicina vigente, na medida em que desloca a atenção sobre a *doença* e a coloca no *indivíduo* doente.

Ao desconsiderar a entidade mórbida como objeto da atenção do médico, Hahnemann define a doença como um sintoma visível do desequilíbrio da vida, isto é, da *força vital* que é sinônimo da própria vida.. Ele vai, desta maneira, de encontro com as teorias materialistas e mecanicistas vigentes, na medida em que não aceita a divisão corpo/alma proposta por Descartes, afirmando que o organismo, “o instrumento material da vida, ele é tampouco concebível sem a animação pela “Dynamis” instintiva, sua sensora e regularizadora, tanto quanto a força vital sem organismo(...)”²⁷.

Do mesmo modo, Hahnemann refuta Descartes quanto este compara o corpo humano á uma máquina, passível de ser entendido como tal, e obedecendo às leis da matemática. O médico alemão não concebe o corpo humano como possível de divisão, nem o compara a uma máquina:

Os princípios pelos quais explicamos outras condições são inaplicáveis à explicação da vida humana - assim como à sua dupla condição : a saúde e a doença. A nada podemos compará-la no mundo a não ser consigo mesma; nem com uma peça de relógio, uma máquina hidráulica, ou os processos químicos, nem com a decomposição ou recomposição dos gases, nem com uma bateria galvânica, em resumo, a nada que seja destituído de vida. A vida humana não é de forma alguma regulada por leis puramente físicas, que prevalecem somente entre as substâncias inorgânicas. As substâncias na sua condição inanimada; elas são animadas e vitalizadas assim como o sistema como um todo é animado e vitalizado.²⁸

Enfocar o indivíduo enquanto objeto da medicina em detrimento da doença significa lançar um “olhar de total negação da doença enquanto ser”²⁹, como afirma Madel Luz. A patologia reificada, isto é, enquanto ser

²⁷ HAHNEMANN, Samuel. **Organon da arte de curar**. Ribeirão Preto : Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995. p. 101.

²⁸ HAHNEMANN, Samuel. O espírito da doutrina médica homeopática. (trad. Cecílio A. Roque). **Revista de Homeopatia**, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 65, jun. 1988.

²⁹ LUZ, Madel, p.125.

independente que deve ser buscada pelo clínico através do olhar dirigido ao corpo doente, como analisa Foucault³⁰, não faz parte da concepção homeopática de doença. Ao negar a enfermidade enquanto ser externo ao doente, o pensamento hahnemanniano nega a objetivação da doença e, por extensão, do corpo.

Apesar de se contrapor veementemente à medicina oficial de seu tempo, a homeopatia jamais dispensou o status de “medicina verdadeira”, de pensamento sistematizado. O objetivo de Hahnemann era instituir uma nova forma de curar que se afastasse da “velha escola”, a qual tanto criticava. Uma de suas críticas dirigia-se à racionalização da Natureza. Para Hahnemann a Natureza era uma “força bruta automática”, que não deveria ser imitada e sim reconduzida pela arte de curar. Assim condenava a medicina da época:

Como é que a velha escola, que se intitula racional, pôde, num empreendimento que exige tanto raciocínio, reflexão e juízo crítico, eleger esta força desprovida de razão como a única e melhor instrutora, como uma condutora cega, imitando sem refletir suas disposições indiretas e revolucionárias nas doenças, imitando-a como a única *non plus ultra*, a melhor em termos de engenhosidade, visto que, a fim de poder superá-la infinitamente no seu desempenho curativo, nos foi conferido, para o bem da humanidade, aquele dom maior de Deus, o raciocínio lógico e a livre reflexão?³¹

A natureza deveria ser reconduzida pelo raciocínio. Hahnemann não rechaça a racionalidade, nem tampouco a observação “neutra” necessária ao médico. A observação, no entanto, não deveria se ater ao corpo e sim, estender-se à alma, já que, na homeopatia, a doença atinge estas duas facetas indivisíveis do organismo. O que Hahnemann critica é a tentativa de se procurar uma causa da doença no interior do homem, numa tentativa médica de localizar a doença numa parte determinada do corpo humano. Observar racionalmente sim, mas observar os sintomas que são a doença:

O observador imparcial, conhecedor da ineficácia das formulações metafísicas que sua experiência não pode comprovar, até mesmo o mais perspicaz, não percebe, em cada caso individual de doença, senão alterações do corpo e da alma, reconhecíveis exteriormente através dos

³⁰ FOUCAULT, Michel. **O nascimento...**

³¹ HAHNEMANN, Samuel. **Organon...** p. 56.

sentidos, **sinais mórbidos, acidentes sintomas**, isto é, desvios das anteriores condições de saúde do doente atual, que ele próprio sente, que as pessoas que o rodeiam percebem e que o médico nele observa. Todos esses sinais perceptíveis representam a doença em toda a sua extensão, isto é, eles formam, juntos, o verdadeiro e único quadro concebível da doença.³²

A neutralidade buscada pela medicina homeopática e a utilização do raciocínio possuíam, no entanto, fonte diversa da racionalidade científica na qual a medicina oficial se respaldava. Afirmava Hahnemann:

Já era bem tempo para o sábio e benévolo Criador e Conservador dos Homens colocar um termo a tais horrores, ordenando o término de tais torturas, fazendo surgir uma arte de curar que fosse o contrário de tudo isso (...). Já era bem tempo que Ele fizesse com que a homeopatia fosse descoberta.³³

Era em Deus que Hahnemann buscava a fonte dos ensinamentos homeopáticos, e nisso diferia profundamente do racionalismo cartesiano. Descartes procurava conciliar fé e ciência, afirmando que Deus havia criado o corpo humano como uma máquina passível, por esse motivo, de ser estudado de acordo com as leis da mecânica. Para Hahnemann, “o Criador” era responsável não só pela criação do gênero humano, como também pelo surgimento da arte de curar.

Tendo como base os preceitos até agora percorridos, a medicina homeopática procurava se firmar enquanto saber “verdadeiro”, constituindo um sistema de pensamento específico, que buscava sua hegemonia perante o saber médico oficial. A filosofia homeopática, por sua vez, irá tomar diversos aspectos quando, no século XX, passa a ser disseminada em vários países, inclusive no Brasil e, de acordo com o contexto, recebe outras leituras por parte dos médicos que a praticam, e estabelece diálogos peculiares com a medicina oficial.

ABSTRACT

This article considers the process of the construction of the medical representations as a scientific elaborated knowledge. In this sense, based on the reflections of Ernest Cassirer and Michel Foucault the author takes as his object

³² *Ibid.*, p. 90.

³³ *Ibid.*, p. 68-9.

of analysis the construction of homeopathic medicine among the medical tendencies in the 19th century.

Key words: homeopathic medicine, scientific knowledge, medical knowledge.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BESSA, Marco. **Filosofia da homeopatia**; análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba : Aude Sapere Editora, 1994.
2. CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem**; introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo : Martins Fontes, 1994.
3. DESCARTES, René. **Discurso do método**. Brasília : UNB, 1985.
4. FOUCAULT, Michel. **El orden del discurso**. Barcelona : Tusquets Editores, 1980.
5. _____. **O nascimento da clínica**. 4. ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1994.
6. LUZ, Madel . **Natural, racional, social**; razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
7. HAHNEMANN, Samuel. **Organon da arte de curar**. Ribeirão Preto : Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995.
8. SPINK, Mary Jane (org). **O conhecimento no cotidiano**; as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo : Brasiliense, 1993.

